

13/05/2019

Racismo: educação, desemprego e a voz negra que canta o samba

Maria Helena Barros de Oliveira

[Advogada. Vice Presidenta do Núcleo de Pesquisa em Gênero, Raça e Etnia NUPEGRE/EMERJ. Chefe do Departamento de Direitos Humanos e Saúde - DIHS/ENSP/FIOCRUZ]

É inacreditável como uma cor de pele pode ser tão decisiva na vida das pessoas. Simploriamente ter maior ou menor concentração de melanina é a única explicação biológica. Porém, não é só disso que estamos falando. Estamos falando mais uma vez, da violação aos direitos humanos expressa através do racismo.

Ser negra ou negro no Brasil é um desafio, é uma construção política, é uma luta diária e cotidiana para ocupar o seu lugar de direito, de sonhos e de diversidade. Estamos falando de uma das mais absolutas misérias da humanidade: o racismo contra negras e negros.

Lamentavelmente seguimos, como bem nos ensina Jessé de Souza, com a escravidão continuada nos dias atuais. Claro que essa escravidão assume novas formas e expressões atuais, para uma realidade em torno de 70 milhões de brasileiros. Há uma exploração contra essa imensa maioria de pessoas que não é apenas econômica, ela é acima de tudo simbólica e moral. Tenta retirar dessas pessoas a dignidade, a capacidade de se construir enquanto identidade negra em sua plenitude.

Busca arrancar sua capacidade de auto confiança, sua capacidade de resistência e, para além disso, sua rebelião contra todas as formas humilhantes da construção perversa das relações sociais, em que ser negra ou negro é ser menos, é ser inferior. É preciso desmistificar a farsa da meritocracia. Não existe em nossa sociedade igualdade de oportunidades e muito menos igualdade de condições de vida. É uma farsa defender que individualmente, em uma construção fantasiosa de super-homem ou de mulher-maravilha, como um passe de mágica venceremos e teremos nosso lugar neste mundo mercantilista, excludente e explorador.

Na verdade, temos uma sociedade que exclui, que discrimina, que isola, criando barreiras concretas quando não temos uma educação pública e de qualidade para todos, quando coloca nas cadeias os jovens negros e negras, quando não oferece empregos, enfim, quando o mundo é construído a partir do NÃO para essas pessoas. A violência avança cada dia mais em nossa sociedade, porém ela se potencializa, principalmente na morte dos jovens negros e negras. Segundo ainda, Jessé de Souza, 60 mil pobres são assassinados anualmente no

Brasil, e, claro, na associação direta ao ódio contra essa classe de pessoas, recolocando-os novamente no lugar dos escravos. A farsa da construção meritocrática expressa-se na verdade da construção de uma subcidadania e até, porque não dizer, da inexistência da cidadania. Essa subcidadania é construída pela hipocrisia das classes médias e das elites dominantes. Contra isso precisamos lutar. É preciso enfrentar essa construção de ódio que cada vez mais está se implantando no Brasil. É absolutamente necessário que sejam criados espaços de rebeldia contra essa discriminação e isolamento que o racismo produz.

Espaços em que a diversidade seja o centro das questões, para a construção da paz. A destituição da possibilidade das negras e negros irem para a escola pública, o fato de serem a absoluta maioria dos desempregados, de representarem 80% da população carcerária é a maior forma de denúncia e de constatação da concretude do racismo no Brasil. O racismo existe no Brasil de forma efetiva e cruel. É preciso ser extirpado de cada gesto, de cada olhar e de cada pensar. É preciso dar vez e voz a esse imenso número de brasileiros excluídos e invisibilizados.

Nestes dias de absoluta saudade da grande mulher guerreira e sambista Beth Carvalho sigamos cantando o que ela nos ensinou - o samba -, expressão verdadeira da nossa voz negra. Historicamente se adotava o termo "**batuque**" como denominação comum à qualquer manifestação que reunisse canto, dança e uso de instrumentos do povo negro, e ainda, por extensão, designando festejos. Passa-se a adotar o termo samba, gênero musical de raízes africanas, nascido na Bahia, de expressões que se propagaram pelo Brasil através da cultura negra. Em 1916 é gravado o primeiro samba em disco "Pelo Telefone" e o samba seguiu expressando a construção da nossa identidade negra. Sigamos com o belo canto negro, onde nossas raízes e lutas se encontram, num bailar único de resgate da nossa dignidade e plenitude de sermos da raça negra. Façamos uma grande roda de samba contra o racismo. Como poetiza o Jorge Aragão em seu hino Identidade: "*quem cede a vez não quer vitória, somos herança da memória, temos a cor da noite, filhos de todo açoite, fato real de nossa história. Se o preto de alma branca p'ra você é o exemplo da dignidade, não nos ajuda, só nos faz sofrer, nem resgata nossa identidade.*" ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.